

A close-up photograph of two hands, palms facing each other, holding a large, solid red cross. The hands are positioned on either side of the cross, with fingers slightly curled. The background is a soft, out-of-focus light color.

CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

# CAPELANIA EVANGÉLICA

Fundamentos da Capelania Militar,  
Educativa, Empresarial e Hospitalar.



INSTITUTO DE TEOLOGIA

**LOGOS**

# INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

*PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ*

*CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA*

DISCIPLINA

## CAPELANIA EVANGÉLICA

*(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)*

BRASIL, MA

*Versão 2021*

*Pesquisa e Organização do Conteúdo:*

**Instituto de Teologia Logos, EA**

*Gráficos, Edição e Finalização:*

**Instituto de Teologia Logos, EEG**

---

**DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP**

CÓDIGO DCIP: 001-042-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON42

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **CAPELANIA EVANGÉLICA.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 130 pgs.

---

**Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino**

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | [institutedeteologialogos@hotmail.com](mailto:institutedeteologialogos@hotmail.com)

# SUMÁRIO

<b>1 - FUNDAMENTOS DA CAPELANIA EVANGÉLICA.....</b>	<b>8</b>
1.1. A REGULAMENTAÇÃO PELA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA .....	13
1.2. SOBRE O CAPELÃO.....	13
1.3. ACONSELHAMENTO PASTORAL.....	14
<b>2 - CUIDADO, ACONSELHAMENTO E CAPELANIA CRISTÃ .....</b>	<b>16</b>
2.1. ACONSELHAMENTO E CAPELANIA: APONTAMENTOS HISTÓRICOS.....	19
2.2. OS FUNDAMENTOS DA CAPELANIA CRISTÃ .....	21
2.3. CAPELANIA HOSPITALAR .....	21
<b>3 - PERFIL E ATITUDES DO CONSELHEIRO CRISTÃO .....</b>	<b>25</b>
<b>4 - CAPELANIA MILITAR E CARCERÁRIA .....</b>	<b>36</b>
4.1. CAPELANIA MILITAR CATÓLICA.....	36
4.2. CAPELANIA MILITAR PROTESTANTE.....	36
4.3. CAPELANIA CARCERÁRIA .....	37
4.4. CONTEXTO BRASILEIRO.....	38
4.5. ESTADO BRASILEIRO.....	39
4.6. LEGISLAÇÃO .....	40
4.7. OBJETIVO.....	41
4.8. FORMAÇÃO.....	41
4.9. ATUAÇÃO DIRETA.....	42
<b>5 - CAPELANIA ESCOLAR.....</b>	<b>44</b>
5.1. AS FUNÇÕES DOS CAPELÃES ESCOLARES .....	45
5.2. A CAPELANIA ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM A IGREJA .....	46
5.3. SUGESTÕES PRÁTICAS PARA IMPLANTAÇÃO DE CAPELANIA ESCOLAR COM O AUXÍLIO DA IGREJA LOCAL ...	49
<b>6 - CAPELANIA EMPRESARIAL.....</b>	<b>54</b>
6.1. CAPELANIA EMPRESARIAL NO BRASIL.....	54
6.2. ATIVIDADES POSSÍVEIS.....	55
6.3. BENEFÍCIOS POSSÍVEIS.....	59
6.4. O STRESS COMO DOENÇA.....	61
6.5. HÁ OUTROS SERVIÇOS A PRESTAR? .....	62
6.6. VISÃO E POSSÍVEIS PROJETOS PARA O FUTURO.....	64
6.7. COMO COMEÇAR O TRABALHO DA CAPELANIA EMPRESARIAL? .....	64
6.8. EXEMPLO DE COMO INICIAR O TRABALHO .....	65
6.9. PROPÓSITO – LANÇANDO A IDÉIA PARA O EMPRESÁRIO .....	66
<b>7 - CAPELANIA HOSPITALAR .....</b>	<b>68</b>
7.1. PERFIL E PAPEL DO CAPELÃO HOSPITALAR .....	70
<b>8 - O PACIENTE, SEUS SENTIMENTOS E SUAS NECESSIDADES.....</b>	<b>76</b>
8.1. FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA DO ENFERMO E ENFERMIDADE .....	76
8.2. O PACIENTE E OUTROS PROBLEMAS ASSOCIADOS À ENFERMIDADE .....	78

<b>9 - O VISITADOR, SUA FUNÇÃO E SUAS ATIVIDADES.....</b>	<b>83</b>
9.1. A PRÁTICA .....	83
9.2. A VISITA, SUAS REGRAS E SUA PRÁTICA .....	86
9.3. AJUDANDO ATRAVÉS DA ARTE DE ESCUTAR .....	89
9.4. OS BENEFÍCIOS: AO PACIENTE E SUA FAMÍLIA, AO HOSPITAL E A COMUNIDADE .....	92
<b>10 - CAPELANIA HOSPITALAR – VISITAÇÃO BÁSICA.....</b>	<b>99</b>
10.1. O VISITADOR E A VISITA.....	99
10.2. EVANGELIZAÇÃO .....	102
10.3. CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....	103
10.4. O CULTO .....	104
10.5. MÚSICAS .....	105
10.6. PACIENTES GRAVES OU TERMINAIS .....	105
10.7. O LUTO.....	106
<b>11 - CAPELANIA HOSPITALAR EVANGÉLICA.....</b>	<b>110</b>
11.1. OBJETIVOS .....	110
11.2. NOSSA FÉ .....	110
11.3. ALVO .....	110
11.4. PARTICIPANTE (CONDIÇÕES).....	110
11.5. BENEFÍCIOS DIRETOS AO PACIENTE .....	111
11.6. CARÁTER EVANGÉLICO.....	111
11.7. BENEFÍCIO AO HOSPITAL.....	112
11.8. PONTOS DE ATENÇÃO .....	112
<b>12 - CONTAMINAÇÃO HOSPITALAR .....</b>	<b>118</b>
12.1. CONCEITOS FUNDAMENTAIS.....	118
12.2. HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS.....	122
<b>13 - ACONSELHAMENTO A FAMILIARES.....</b>	<b>125</b>
13.1. PRIMEIRA FASE: CHOQUE .....	125
13.2. SEGUNDA FASE: NEGAÇÃO.....	126
13.3. TERCEIRA FASE: RAIVA .....	126
13.4. QUARTA FASE: NEGOCIAÇÃO.....	126
13.5. QUINTA FASE: DESESPERO .....	126
13.6. SEXTA FASE: ACEITAÇÃO.....	127
13.7. LUTO INFANTIL.....	127
13.8. REAÇÕES GERAIS DA CRIANÇA .....	129

## APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



**AULA  
01**



# 1 - FUNDAMENTOS DA CAPELANIA EVANGÉLICA

A espiritualidade traduz-se em sermos seres espirituais e possuímos, transitoriamente, um corpo físico. Acreditamos que o ser humano é um espírito que habita no corpo e se expressa através da mente. Pesquisas realizadas pelas ciências naturais, como a física e a biologia, têm endossado essa afirmação.

O corpo físico é apenas um reflexo do espírito. Assim, a espiritualidade é algo inerente ao ser humano. Constitui campo de elaboração subjetiva no qual a pessoa constrói de forma simbólica o sentido de sua vida e busca fazer frente à vulnerabilidade desencadeada por situações que apontam para a fragilidade da vida humana.

Estudos recentes têm valorizado muito o conceito de espiritualidade e no Brasil, números significativos de profissionais da saúde vêm se interessando pelo tema. Atualmente, as práticas religiosas têm estado presentes no trabalho em saúde de forma pouco crítica e elaborada.

Mesmo que o elemento religioso esteja presente no modo como os pacientes elaboram suas crises, os profissionais de enfermagem não têm preparo para discutir e como lidar com a religiosidade e lançam mão de suas convicções religiosas pessoais de forma acrítica.

Um fator que dificulta o cuidado espiritual é a influência do materialismo por valorizar sobremaneira a beleza, o poder, o material, desse modo, esvaziando o ser humano do valor que ele tem em si, como ser único, inteligente, livre, responsável e digno. Este aspecto tem reflexos na atuação dos profissionais de enfermagem que exercem sua profissão junto a pessoas fragilizadas, como é o caso dos pacientes terminais.

A bioética é uma área do conhecimento com pouca expressão, ainda, no campo da espiritualidade e sua interlocução se dá efetiva tanto com as doutrinas éticas de inspiração teológica quanto com as doutrinas éticas de inspiração leiga. No entanto, a bioética pode ser definida como a guardiã na terminalidade da vida, aquela que aposta na necessidade de se estar atenta à qualidade do cuidado no adeus à vida, como muito bem teoriza Pessini, em seus estudos, quando aponta o papel da bioética na terminalidade da vida.

A bioética subsidia o respeito aos aspectos espirituais e religiosos, pois prima pelo caráter plural na análise e discussão de situações concretas, assim, evitando assumir posições sectárias.

Sempre que se pensa em cuidado, os aspectos espiritualidade, saúde e bioética estão inclusos, pois são conceitos que se implicam e se interpenetram. Para que o paciente possa



receber um cuidado completo na fase final de sua vida, é preciso haver sincronia entre estas áreas do conhecimento e ação. Também, não é possível desvincular os papéis dos diferentes atores em saúde. Portanto, as ações dos profissionais e pastoralistas estão interligadas e traduzem processos de trabalho em formas de produção coletiva de saúde; este aspecto traz à pauta a característica interdisciplinar da bioética.

A bioética e a espiritualidade constituem ferramentas no sentido de ajudarem a ultrapassar a idéia curativa da saúde e voltar-se para a potencialização do sujeito visto em suas múltiplas dimensões.

A partir destas idéias, pode-se pensar que o lugar do profissional de enfermagem, no campo do agir em saúde, compreende mais do que a realização de procedimentos e técnicas. Novas competências são exigidas dele em relação ao trabalho realizado na perspectiva da visão integral de saúde e do bem-estar físico, mental e social, e não a simples ausência de doença. Verspieren apresenta uma visão integral de saúde, entendida como capacidade de reagir a elementos desestabilizadores do equilíbrio vital, compreendendo-a enquanto realidade somática, psíquica, social e espiritual.

Barchifontaine e Pessini acrescentam que a saúde não pode ser entendida apenas como ausência de doença; é o produto de condições objetivas de existência. Resulta das condições de vida e das relações que as pessoas estabelecem entre si e com a natureza por meio do trabalho. Entende-se saúde para além da visão restrita à ausência de doenças, sendo capaz de envolver a subjetividade e o conhecimento prático do profissional. O sentido final do trabalho em saúde é defender a vida das pessoas, individuais e/ou, por meio da produção do cuidado. O ato de saúde precisa ser um ato de cuidado dirigido, também, à dimensão espiritual do paciente.

É preciso agregar ao saber científico intuição, emoção e acuidade de percepção sensível, além da razão. Na terminalidade, muitas vezes, manifestam-se, no paciente, sentimentos de medo e angústia, os quais devem ser identificados, respeitados e tratados pela equipe de enfermagem. Não propomos um discurso religioso, pois o respeito à crença de cada pessoa é indiscutível, como prevêem tanto a espiritualidade quanto a bioética. Pensamos em um acolhimento abrangente, como qual podemos demonstrar amor e interesse pela sua vida, auxiliando-o a tornar sua morte mais serena.

Esse cuidado mais abrangente do que somente tratar o corpo pode estar incluso nas tarefas da enfermagem, principalmente, porque a mesma tem mais contato com o paciente do que o profissional que exerce a função de assistente espiritual. Sendo o cuidado espiritual importante, a enfermagem deve se instrumentalizar para integrá-lo em sua atividade diária. Esse cuidado não supõe um tempo específico, mas se faz presente na relação, na maneira do profissional de enfermagem estar presente, ouvir, orientar e exercer técnicas junto ao paciente.

Existe um aumento de interesse em compreender o efeito da fé na saúde. Há interesse e maior abertura para o estudo e a inclusão do tema em nível acadêmico e de pesquisa. Dessa forma, a presente introdução, resultado de uma pesquisa feita com pessoas que trabalham no campo da espiritualidade, visa a refletir sobre a necessidade da enfermagem integrar, no seu trabalho com o paciente, o cuidado espiritual, dando a ele, assim, um atendimento mais abrangente, ou seja, sobre o jeito de transmitir ao paciente que está morrendo, o consolo, o conforto, o descanso e a paz que pode encontrar, até mesmo num leito de morte.

A Capelania e enfermagem podem organizar e desenvolver um trabalho integrado no sentido de oferecer ajuda espiritual sincronizada ao paciente que está morrendo.

A espiritualidade pode surgir, na doença, como um recurso interno que favorece a aceitação, o empenho no restabelecimento, a aceitação de sentimentos dolorosos, o contato e o aproveitamento da ajuda das outras pessoas e até a própria reabilitação. Isso remete à sua essência básica como um fator de saúde e realça sua importância nos processos de prevenção de doenças, manutenção da saúde ou de reabilitação e cura. O conceito de saúde também tem mudado e tornasse cada vez mais complexo. Muitos estudos têm fornecido uma atenção mais acurada para a dimensão espiritual.

Continuando, um dos entrevistados ressalta que a Capelania pode atender os profissionais também. Outro entrevistado coloca que os Assistentes Espirituais podem oferecer cursos, seminários, acompanhar e supervisionar a enfermagem no cuidado espiritual.

A integração entre ciência e espiritualidade tem grande importância no enfrentamento dos problemas de saúde não só para os indivíduos, como também para a coletividade.

Uma maneira da enfermagem e Capelania realizarem um trabalho integrado é, acima de tudo, como foi relatado pelos entrevistados, por meio do diálogo e respeito mútuo.

Entende-se que as reuniões para trocar informações e para traçar linhas de ação são muito importantes, bem como os treinamentos para a enfermagem. Esses treinamentos podem ser dados pela própria Capelania.

A enfermagem deve buscar mais condições para praticar o cuidado espiritual, tanto por meio de seminários e cursos como de leituras complementares.

É necessário considerar a pessoa como ser holístico para se entender a espiritualidade como um aspecto importante no processo terapêutico e essencial para o bem-estar.

O profissional de saúde pode ajudar o paciente ouvindo-o, estando atento às suas emoções e aos seus sentimentos. Muitas vezes, isso é mais importante que qualquer

terapêutica. É necessária uma preparação acadêmica que reforce o respeito pela pessoa e por sua crença.

Para atender as necessidades espirituais do paciente, não há uma regra nem uma fórmula. Quem contata todos os dias com os pacientes e com o seu sofrimento, sabe que cada pessoa sente de uma forma diferente, tem uma vivência própria, tem um objetivo de vida próprio, tem uma espiritualidade própria.

A dimensão espiritual é inerente ao indivíduo, sendo importante para os enfermeiros avaliá-la e nela intervir quando necessário. Entretanto, essa dimensão deve ser diferenciada do aspecto religioso e do comportamento psicossocial.

É importante que estejam bem definidas as tarefas da enfermagem e da Capelania, havendo colaboração, diálogo e integração entre os setores. No momento em que as funções da Capelania e enfermagem estão definidas, o paciente poderá receber um cuidado espiritual adequado e contínuo. A enfermagem, também, deve dar as informações biopsicossociais e espirituais do paciente aos Assistentes Espirituais, facilitando seu trabalho, preservando sempre sua privacidade.

O cuidado espiritual ao paciente caracteriza um desafio. Supõe formação, maturidade, habilidade, serenidade e sensibilidade às reais necessidades do outro. Traduz um momento importante para o paciente e gratificante para o pastoralista.

A dimensão espiritual formará um novo paradigma social. Cada vez mais se reconhece que a fé ajuda no processo de recuperação da saúde e enfrentamento da doença. A espiritualidade beneficia a saúde integral da pessoa e capacita o profissional a lidar com o paciente. A enfermagem, no geral, não está preparada para prestar o cuidado espiritual ao paciente. Este cuidado implica um processo pessoal de autoconhecimento e amadurecimento, uma experiência de fé significativa.

É preciso saber entrar em contato com as próprias dores e medo da morte. Outro motivo que traduz o despreparo da enfermagem em lidar com o paciente é a falta de formação específica para o enfrentamento e elaboração das reações pessoais frente ao paciente terminal. Os profissionais de enfermagem tornaram-se calejados e insensíveis frente ao ambiente de sofrimento em que trabalham e, muitos, ainda, restringem-se somente à parte técnica. É preciso vocação, dedicação, treinamento e uma experiência de vida para incluir, no cuidado ao paciente terminal, a dimensão espiritual.

A revolução do conhecimento científico, voltada para a tecnociência, tem reforçado a dificuldade da enfermagem de lidar com o paciente terminal, por exemplo.

É preciso humanizar e resgatar os valores subjetivos. É de vital importância de incluir o cuidado espiritual às tarefas técnicas prestadas aos pacientes pela enfermagem.

O cuidado espiritual supõe permanecer sensíveis e abertos para falar aquilo que sentimos ser o melhor para o paciente. É nessa relação que encontramos e descobrimos a forma e o momento corretos de falar, como falar e o que falar através do Espírito Santo.

Nesta perspectiva, o serviço de pastoral implica em respeito, fé, abertura e um grande amor às pessoas.

O vínculo criado entre enfermagem e paciente facilita o cuidado espiritual, pois amplia a confiança e comunicação entre ambos. A enfermagem tem um contato pessoal e contínuo com o paciente e tem uma convivência mais simples com a morte, pois não representa para si uma derrota profissional. A integração entre enfermagem e Capelania no cuidado espiritual ao paciente é uma tarefa difícil. É preciso haver interesse comum pelo paciente. Os dois setores têm que falar a mesma linguagem e deve haver, entre ambas as partes, diálogo e respeito. A enfermagem também deve ser habilitada.

- É necessária uma preparação acadêmica que reforce o respeito pelo paciente e sua crença.
- É importante a definição de tarefas de cada um e colaboração e integração entre os setores.

A integração entre ciência e espiritualidade tem grande importância para o paciente terminal. Muitos estudos têm fornecido uma atenção mais especial à dimensão espiritual, pois a espiritualidade pode surgir como um recurso interno de aceitação da doença e de sentimentos dolorosos para o paciente terminal.

Constatou-se, também, a importância da continuidade ao cuidado espiritual prestada pelos agentes de pastoral e Capelania, bem como o fornecimento de informações do paciente em um trabalho integrado entre enfermagem e Capelania, com o repasse de aspectos significativos colhidos pela enfermagem para o serviço de pastoral.

- Para a enfermagem integrar o cuidado espiritual ao rol de suas práticas diárias precisa habituar-se a ver o paciente na sua totalidade.

Neste estudo, a bioética faz-se presente nos relatos dos entrevistados quando apontam a necessidade de responsabilidade, a troca de conhecimento, o pluralismo, a superação de posturas sectárias e a preservação do caráter plural da discussão. Saúde, espiritualidade e bioética implicam-se.

O cuidado espiritual, como mais um aporte do saber/fazer da enfermagem, supõe capacidade de captar relações de significado entre as diferentes instâncias de saber.

## 1.1. A Regulamentação Pela Legislação Brasileira

A Assistência Espiritual nas entidades civis e militares de internação coletiva é dispositivo previsto na Constituição Brasileira de 1988 nos seguintes termos: “é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva.” (CF art. 5º, VII).

A lei 6.923, de 29/6/1981, alterada pela lei 7.672, de 23/9/1988, organizou o Serviço de Assistência Religiosa nas Forças Armadas.

A partir desta legislação temos definido que:

(1) “O Serviço de Assistência Religiosa tem por finalidade prestar assistência religiosa e espiritual aos militares, aos civis das organizações militares e às suas famílias, bem como atender a encargos relacionados com as atividades de educação moral realizadas nas Forças Armadas.” (Lei 6.923, art. 2º)

(2) “O Serviço de Assistência Religiosa será constituído de Capelães Militares, selecionados entre sacerdotes, ministros religiosos ou pastores, pertencentes a qualquer religião que não atente contra a disciplina, a moral e as leis em vigor.» (Lei 6.923, art. 4º)

(3) “Cada Ministério Militar atentar-se-á para que, no posto inicial de Capelão Militar, seja mantida a devida proporcionalidade entre os Capelães das diversas regiões e as religiões professadas na respectiva Força.” (Lei 6.923, art. 10)

Nota-se a seriedade e a boa procedência da Capelania, quando esta se dedica à observância das leis federais, estaduais e municipais, bem como cumpre com os Estatutos e Regulamentos das Instituições em que estão inseridas, a exemplo das Instituições Hospitalares.

Dentre outras, destacamos as seguintes leis:

- Constituição Federal – Artigo 5º., Caput, VII, VIII e XIII.
- Lei Federal No. 9.982, de 14 de Julho de 2000.
- Lei Estadual No. 10.241, de 17 de Março de 1999 – Artigo 2º., XX.

## 1.2. Sobre o Capelão

Capelão é um ministro religioso autorizado a prestar assistência religiosa e a realizar cultos religiosos em comunidades religiosas, conventos, colégios, universidades, hospitais, presídios, corporações militares e outras organizações.

Ao longo da história, muitas cortes e famílias nobres tinham também o seu capelão.

### 1.3. Aconselhamento Pastoral

Em francês o aconselhamento pastoral é chamado de: “La cure d’âme”.

“La Cure d’Âme” cuida da alma aflita, medica como o médico o faz com os sintomas e faz curativos como a enfermeira com os machucados.

A importância do Aconselhamento Pastoral:

- Paz
- Paz consigo mesmo
- Paz com Deus (Perdão)

Por alma aqui, é necessário o entendimento do homem como um todo: corpo, alma e espírito.

Toda a pessoal, sua personalidade, seu estado d’alma, sua felicidade, sua paz e sua saúde, física e mental.

“Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego da vida, e o homem passou a ser alma vivente” (Gênesis 2.7).

Diferentemente de toda e qualquer outra criatura, o homem teve uma intervenção especial de Deus após a criação: Deus insufla-lhe Seu Espírito (theospneutos – sopro divino) e o homem se torna alma vivente.





**AULA**  
**02**



## 2 - CUIDADO, ACONSELHAMENTO E CAPELANIA CRISTÃ

Inicialmente, a palavra que melhor expressa bíblica e teologicamente tanto aconselhamento quanto capelania é o termo “cuidado”, ou o verbo “cuidar”.

A seguir, vejamos o trabalho realizado por Hoepfner (2008) sobre a análise do termo “cuidar”, em que o referido autor faz um estudo sobre o termo em seu sentido etimológico e bíblico; bem como o trabalho de Oliveira (2004).

Para Hoepfner (2008), o termo cuidar provém do latim cura, que assinala uma relação de amor e amizade, uma atitude de cuidado, de desvelo, de preocupação e de inquietação em relação a alguém ou a algo estimado. Portanto, o sentido aqui deve ressaltar, conforme observa Hoepfner (2008), uma relação pessoal, existencial, e, por consequência, estabelecer uma preocupação frente à vida de outra pessoa ou de algo, como o cuidado com os enfermos ou com o meio ambiente.

Hoepfner (2008), baseado em Boff, faz a seguinte observação sobre o cuidado: “é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro, pois uma atitude perfaz uma fonte, pela qual descendem muitos atos.”

Nesse sentido ainda, Hoepfner (2008) exemplifica e comenta da seguinte maneira essa questão:

"Quando uma mãe afirma: “Estou cuidando do meu filho adoentado!”, subentendem-se, nesta afirmação, múltiplos atos. Atos como: estar preocupado com seu filho; levá-lo ao médico; dar a ele, não apenas remédios, mas, igualmente carinho; orar com e por ele, enfim, estar próximo dele por meio de ações diversas que compreendem uma atitude de cuidado. Nesse sentido, pode-se afirmar que uma atitude de cuidado abarca o ser humano em sua totalidade de vida. No que tange ao relacionamento humano, tanto a pessoa que toma uma atitude de cuidar de alguém, quanto o indivíduo para o qual é dirigida tal atitude, há um contato não meramente físico, mas também afetivo-emocional, concretizando uma relação de sujeito para sujeito e não de sujeito para sujeito-objeto, ou seja, o cuidado possibilita a dignidade, pois abre mão do poder dominador e afirma uma comunhão entre seres reais. “A relação não é de domínio sobre, mas de convivência. Não é pura intervenção, mas interação” Por conseguinte, pode-se reiterar que só recebemos zelo se cuidarmos de outras pessoas; portanto, nessa dimensão, apenas

nos tornamos pessoa no encontro com outra. Percebe-se, então, que a categoria cuidado tem conotações que superam as noções comuns que lhe são aplicadas."

Nota-se que o sentido ora ressaltado assinala vigorosamente uma atitude de cuidado total, não com o que é particular ou pontual, mas sim com o ser humano em sua integralidade, em suas mais diversas áreas e dimensões: física, afetivo-emocional, social, ecológica, cultural e espiritual.

Outra questão importantíssima ressaltada ainda por Hoepfner (2008) é a relação entre os seres humanos que deve ser pautada não pelo domínio sobre, mas pela convivência. Pode-se compreender nessa perspectiva que só recebemos cuidado se cuidarmos também de outras pessoas; portanto, nessa dimensão ou relação, apenas nos tornamos pessoa efetivamente quando estamos no encontro com outra, ou seja, nos relacionamos respeitosamente como iguais.

Diante do exposto, Hoepfner (2008) conclui as seguintes considerações:

"Explicitando, o cuidado vê os contornos concretos dos problemas, da realidade, enxerga e abraça o ser em sua integralidade vital e, portanto, não se resume a apenas fidelidade, a princípios profissionais e a deveres morais impostos por uma sociedade deveras injusta. Perceptivelmente esclarecedor é o vocábulo alemão *Sorge*, comumente traduzido ao vernáculo pátrio como "cuidado", "preocupação", "aflição". Se por um lado, a *Sorge* remete para o cuidado de si, por alguém ou por algo (*Fürsorge*), por outro, remete, igualmente, para uma situação existencial de aflição, ou seja, o de estar preocupado consigo mesmo, por alguém ou com algo (*sich sorgen um*). O termo inglês *care*, da mesma forma, traz consigo a idéia de um cuidar solícito, bem como o de um cuidar ansioso e aflito junto a alguém ou a algo. Conclui-se que, uma atitude de cuidado frente a pessoas, requer envolvimento, pois "o cuidado é aquela relação que se preocupa e se responsabiliza pelo outro, que se envolve e se deixa envolver com a vida e o destino do outro, que mostra solidariedade e compaixão". Tal atitude é a condição prévia para o eclodir da amorosidade humana, afinal, quem cuida, ama e, quem ama, cuida."

Hoepfner (2008) faz ainda um estudo sobre expressões correlatas ao termo "cuidar" no Antigo Testamento e Novo Testamento:

"O principal correlato do termo cuidar no Antigo Testamento (AT) é o verbete *shâmar*. Ao longo do testamento hebraico ele aparece 420 vezes. A ideia básica da raiz deste termo, conforme o Dicionário Internacional do Antigo Testamento, é a de "exercer grande poder sobre", significado que permeia as várias alterações semânticas sofridas pelo verbo. Combinado com outros verbos, o sentido expresso

é o de “fazer com cuidado”, “fazer diligentemente”, por exemplo, como aparece em Nm 23.12: “(...) Porventura, não terei cuidado de falar o que o Senhor pôs na minha boca”. O verbo pode vir a exprimir também a atenção cuidadosa que se deve ter com as obrigações contidas em leis e na própria aliança de Deus com o seu povo, como expresso em Gn 18.19 ou Êx 20.6. Frequentemente, o verbo ainda é utilizado para designar a necessidade de ser cuidadoso frente às próprias ações; frente à própria vida (Sl 39.1; Pv 13.3), ou ainda, designar a atitude de alguém de dar atenção ou reverenciar Deus, outras pessoas ou ídolos (Os 4.10; Sl 31.6). O verbo *shâmar* abrange ainda os sentidos de “preservar”, “armazenar” e “acumular” a ira (Am 1.11), o conhecimento (Ml 2.7), o alimento (Gn 41.35) ou qualquer coisa de valor (Êx 22.7). Um último desdobramento da raiz exprime a ideia de “tomar conta de” ou “guardar”, ou seja, envolve manter ou cuidar de um jardim (Gn 2.15), de um rebanho (Gn 30.31) ou de uma casa (2 Sm 15.16).”

"É nessa ótica que Davi admoesta Joabe a cuidar de Absalão: “Guardai-me o jovem Absalão” (2 Sm 18.12), ou quando Davi, nos Salmos 34.20; 86.2; 121.3-4 e 7, utiliza o termo para falar do cuidado e da proteção divina. No que tange ao Novo Testamento, o principal correlato de cuidar é o verbete grego *merimna*. Assim como o termo alemão *sorge* e o inglês *care*, *merimna* pode remeter a dois significados. Num sentido negativo, é traduzido por “preocupação” ou “ansiedade” do ser humano. É nesse parâmetro que *merimna* é empregado no Sermão do Monte (Mt 6.25-34). Jesus, nessa homilia, critica a demasiada preocupação do ser humano em torno de questões materiais que o afastam de Deus. Paralelamente, a passagem de Lc 21.34, adverte para as fúteis preocupações concernentes à vida diária. Já o sentido positivo de *merimna*, remete ao “ter cuidado de” ou “preocupar-se com” alguém ou algo. Em 2 Co 11.28, o apóstolo Paulo se vê como aquele que deve preocupar-se com as igrejas. Já em 1 Co 12.25, a Igreja é vista como “corpo de Cristo”, no qual todos os membros cuidem e cooperem uns a favor dos outros. Em 1 Pd 5.7, o ser humano é chamado a lançar toda a sua ansiedade aos cuidados de Deus.”

"Outras tantas passagens bíblicas poderiam ser aqui arroladas. Perícopes, que dependendo do testamento, utilizam os termos *shâmar* ou *merimna*, para expressarem a ampla ideia do cuidado humano ou de Deus por sua criação. Entretanto, ressalta-se, a partir dessa breve investigação acerca dos correlatos bíblicos do termo cuidar, que em muitas passagens nas quais os termos *shâmar* e *merimna* são empregados, eles compreendem, ao menos indiretamente, uma atitude que lida com a própria condição de vida do ser humano. Atitude esta, profundamente arraigada na fé dos inspirados escritores bíblicos em Deus.”

Ainda nessa direção, Oliveira (2004) afirma, a partir das elaborações teológicas de Leonardo Boff sobre o cuidado com o ser humano no contexto maior que é o cuidado com a natureza, o seguinte: “cuidar da alma implica cuidados sentimentos dos sonhos, dos desejos, das paixões contraditórias, do imaginário, das visões e utopias que guardamos dentro do coração” (p.17). Tal elaboração aponta o cuidar como um ato integral da existência humana.

Oliveira (2004), tomando afirmação de Brakemeier, destaca que o cuidado com o ser humano está justamente na afirmação doutrinária da Imago Dei, ou seja, que o ser humano é imagem e semelhança de Deus. Portanto, há uma dignidade no ser humano que lhe é atribuída, concedida sem merecimento que provém de Deus e que se manifesta em si mesmo.

Teologicamente, observa Oliveira (2004) que os atos de misericórdia e compaixão testemunhados por Jesus Cristo, em sua prática, revelam o próprio amor de Deus dispensado ao ser humano. Enquanto os atos de poder coisificavam o ser humano, escravizando-o, Jesus testemunhava o amor de Deus que transforma a dor e a escravidão em amor, saúde e vida, vida em abundância.

Oliveira (2004) assinala que a desesperança e o pessimismo podem ser revestidos pela ressurreição de Cristo, pois ela apresenta uma nova condição antropológica para a existência humana; bem como pela cruz que não nega o sofrimento, mas assinala que todos estão suscetíveis nesta condição humana, pois Jesus também recebeu cuidados quando de sua morte.

Por fim, o aconselhamento e a capelania cristã também são experiências construídas e contextualizadas pela riqueza do serviço cristão que se explicita no ato de cuidar do ser humano numa perspectiva bíblica. E essa tradição bíblica tem como eixo fundante e articulador o Cristo da Fé e o Jesus Histórico. No primeiro, se evidencia a celebração da Vida e no segundo se ressalta as contradições existenciais da Vida. Nessa dinâmica é que se encontram relacionadas fundamentalmente o aconselhamento e a capelania cristã.

## 2.1. Aconselhamento e Capelania: Apontamentos Históricos

Acompanhar, ajudar e fortalecer na fé sempre foi uma atividade própria da Igreja de Cristo. Flor (2010) observa três modelos básicos de aconselhamento cristão durante o período Antigo e Medieval:

1. “poimênica como instrumento a serviço da disciplina eclesiástica” (cuidado com a fé para que ninguém se afastasse do caminho reto);
2. “poimênica como caminho de aperfeiçoamento da vida monástica” (cuidado com a vida interior e experiência mística de união com Deus);

3. “poimênica como função terapêutica” (na visão de luta entre poderes, era comum a busca de cura de males atribuídos aos espíritos imundos).

Outras referências históricas dessa atividade podem ser encontradas logo nos primeiros cem anos da Igreja Cristã. A história registra textos cuidadosos como, por exemplo, a Carta a uma Jovem Viúva, escrita por João Crisóstomo em 380; o “Livro de Cuidado Pastoral”, de Gregório, o Grande, no final do século VI ou a carta “Catorze Consolos Para os Exaustos e Sobrecarregados”, escrita por Martinho Lutero em 1520. Em cada um destes há a demonstração de um tempo na Igreja Cristã em que o cuidado era parte integrante do ensino e da vivência pastoral (FLOR, 2010).

Como é bom estar localizado ou contextualizado. Isso não é diferente quando estudamos o tema da capelania. Saber nossas origens, e, principalmente, os fundamentos da nossa forma de pensar, bem como os motivos que estão na base de uma determinada ação ou atitude é sempre importante. Conforme Gentil, Guia e Sanna (2011):

"Historicamente o termo “capelania” foi criado na França, em 1700 porque, em tempos de guerra, o rei costumava mandar para os acampamentos militares, uma relíquia dentro de um oratório, que recebia o nome de “Capela”. Essa capela ficava sob a responsabilidade do sacerdote, conselheiro dos militares. Em tempos de paz, a capela voltava para o reino, ainda sob a responsabilidade do sacerdote, que continuava como líder espiritual do rei, e assim ficou conhecido por capelão. Com o tempo, o serviço de capelania se estendeu aos parlamentos, colégios, cemitérios e prisões."

Silva (2010), ao tratar sobre a conceituação de capelania, observa que o termo aponta para o cargo, a dignidade e o ofício de capelão. Tal atividade é exercida por um religioso, católico ou protestante, responsável em prestar assistência religiosa e/ou realizar culto ou missa nas instituições que serve. É comum ter um local denominado capela em repartições públicas ou privadas, escolas, hospitais, quartéis, presídios, universidades etc., onde o capelão atende às pessoas e essas podem também exercitar a sua fé. Observa ainda Silva (2010) que é comum haver instituições que só têm capelão católico ou protestante, mas há também instituições que comportam as duas ramificações do cristianismo, bem como fora do país há outras religiões que também têm exercido essa mesma função.

Silva (2010) destaca em seu texto a importância do papel do capelão enquanto facilitador. Ele observa que Jung atribuía ao capelão o papel de sujeito facilitador do encontro do homem com a sua dimensão espiritual; assim como o corpo precisa do médico, a vida espiritual da pessoa precisa do capelão, compreendia Jung, conforme Silva (2010).

# PARABÉNS!!!

**VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!**

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

**:: CURSOS DE TEOLOGIA ::**

[www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia](http://www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia)

**:: BLOG DE TEOLOGIA ::**

[www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia](http://www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia)